

Donna Leon

Veneno de Cristal

Tradução
António Carlos Carvalho



Grupo  Planeta

PLANETA MANUSCRITO
Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2006, Donna Leon e Diogenes Verlag AG Zurique

© 2010, Planeta Manuscrito

Título original: *Through a Glass, Darkly*

Revisão: Clara Joana Vitorino

Paginação: Lúgia Pinto

1.ª edição: Abril de 2011

Depósito legal n.º 324 976/11

Impressão e acabamento: Guide – Artes Gráficas

ISBN: 978-989-657-173-3

www.planeta.pt

1

Brunetti ficou parado à janela e namoriscou com a Primavera. Estava ali, mesmo do outro lado do canal, evidente nos rebentos que via surgir da terra. Durante os últimos dias, alguém – em todos estes anos nunca vira ninguém trabalhar no jardim – tinha alisado a terra, embora só agora reparasse nisso. Minúsculas flores brancas eram visíveis entre a relva, e essas pequenas corajosas que se abraçavam umas às outras junto ao solo, cujos nomes ele nunca conseguia lembrar – as pequeninas amarelas e cor-de-rosa – brotavam da terra recém-remexida.

Abriu as janelas e sentiu o ar fresco a entrar na sua sala sobreaquecida. O ar trouxe consigo o perfume de seiva nova ou em ascensão ou fosse o que fosse que conduzia à febre primaveril e a um impulso atávico para a felicidade. Os pássaros, reparou, estavam atarefados no solo, decerto contentes por descobrir que as minhocas tinham de algum modo sido atraídas para a superfície. Dois deles brigavam por causa de alguma coisa, depois um deles voou para longe e Brunetti observou-o a desaparecer para a esquerda da igreja.

– Com licença – ouviu alguém dizer atrás dele. Apagou o seu sorriso antes de se virar. Era Vianello, envergando a sua farda e com um ar muito mais grave do que devia ter num dia tão encantador. Vendo a expressão no rosto do inspector e a rigidez do seu corpo,

Brunetti perguntou-se se devia dirigir-se a ele com o formal *Lei*, o senhor, uma formalidade gramatical que eles tinham abandonado quando Vianello foi promovido a inspector.

– Sim, o que é? – perguntou Brunetti num tom amigável enquanto se esquivava à questão gramatical.

– Queria saber se tu tinhas um momento disponível – disse Vianello, usando o *tu* familiar e não se dirigindo a Brunetti como «senhor», desse modo aumentando a possibilidade de que esta seria uma conversa informal.

Para descontrair mais o ambiente, Brunetti disse:

– Estava só a olhar para aquelas flores do outro lado do canal – fazendo sinal com a cabeça para o jardim – e a perguntar-me o que estamos a fazer aqui dentro num dia como este.

– O primeiro dia em que começamos a sentir que é Primavera – concordou Vianello, por fim sorrindo. – Eu costumava sempre fazer gazeta.

– Eu também – disse Brunetti, mentindo. – O que fazias?

Vianello sentou-se numa cadeira à direita, a sua cadeira habitual, e disse:

– O meu irmão mais velho fazia entregas de fruta no Rialto, portanto era para onde eu ia. Isto é, em vez de ir para a escola. Ia até ao mercado, encontrava-me com ele e ajudava-o a carregar caixotes de frutas e vegetais toda a manhã, e depois ia para casa almoçar à mesma hora a que em geral chegava a casa vindo da escola. – Sorriu de novo e depois riu-se. – A minha mãe sabia sempre o que eu tinha feito. Não sei como fazia, mas perguntava-me sempre como estavam as coisas no Rialto e por que não lhe tinha trazido alcachofras. – Vianello abanou a cabeça ao recordar-se disso. – E agora a Nadia faz o mesmo com os miúdos: é como se conseguisse ler as mentes deles e soubesse sempre quando não foram à escola ou fizeram qualquer coisa que não deviam. – Olhou para Brunetti. – Tens alguma ideia de como elas fazem isso?

– Quem? As mães?

– Sim.

– Tu o disseste, Lorenzo. Elas lêem as mentes. – Brunetti achou que o ambiente estava suficiente descontraído e portanto perguntou: – O que querias?

A sua pergunta restaurou todo o nervosismo de Vianello. Descruzou as pernas e juntou os pés, sentando-se mais direito.

– Tem a ver com um amigo meu – disse ele. – Está metido em sarilhos.

– De que tipo?

– Connosco.

– Com a polícia?

Vianello assentiu.

– Aqui? Em Veneza?

Vianello abanou a cabeça.

– Não. Em Mestre. Isto é, em Mogliano, mas eles foram levados para Mestre.

– Quem?

– As pessoas que foram detidas.

– Quais pessoas?

– As que estavam no exterior da fábrica.

– A fábrica das tintas? – perguntou Brunetti, lembrando-se de um artigo que vira no jornal nessa manhã.

– Sim.

O *Gazzettino* dedicara a primeira página da sua segunda edição a uma reportagem da detenção de seis pessoas durante uma manifestação «Antiglobalização» diante de uma fábrica de tintas em Mogliano Veneto no dia anterior. A fábrica tinha sido várias vezes multada por não respeitar os regulamentos sobre o tratamento de resíduos tóxicos mas apesar disso continuara a laborar, optando por pagar as ridículas multas em vez de investir em mudanças nos seus métodos de produção. Os manifestantes estavam a exigir que a fábrica fosse encerrada e tinham tentado impedir a entrada dos operários. Isso levava a um confronto entre os manifestantes e os operários, durante o qual a polícia intervieria e detivera sete pessoas.

– Ele é operário ou «Antiglobalização»? – perguntou Brunetti.

– Nem uma coisa nem outra – respondeu Vianello, depois modificou a sua resposta acrescentando: – Bom, isto é, não um verdadeiro «Antiglobalização». Não mais do que eu. – Isto soava, aparentemente mesmo para o próprio Vianello, como um beco sem saída enquanto explicação, por isso respirou fundo e começou de novo: – O Marco e eu andámos na escola juntos, mas depois ele foi para a universidade e tornou-se engenheiro. Sempre estive interessado na ecologia: foi assim que nos conhecemos, em comícios e coisas dessas. De vez em quando bebíamos um copo juntos, depois de um comício.

Brunetti optou por não fazer perguntas sobre esses comícios. O inspector continuou a explicar.

– Ele estava muito preocupado com o que se passava nessa fábrica. E em Marghera. Eu sei que ele também esteve nas manifestações que se fizeram lá, mas nunca tinha estado envolvido em nada disto.

– Disto o quê?

– Quando as coisas se tornam violentas.

– Não sabia que era esse o caso – disse Brunetti. O jornal só relatara que tinham sido detidas pessoas; não havia nenhuma referência a violência. – O que aconteceu? – perguntou. – Quem começou? – Sabia como as pessoas respondiam sempre a esta pergunta, fosse no seu caso ou no caso dos amigos deles: era sempre o outro.

Vianello recostou-se na cadeira e cruzou de novo as pernas.

– Não sei. Só falei com a mulher dele. Isto é, ela telefonou-me esta manhã e perguntou-me se eu sabia de alguma maneira de o ajudar.

– Só esta manhã? – perguntou Brunetti.

Vianello assentiu.

– Ela disse que ele lhe tinha telefonado na noite passada, da prisão de Mestre, e lhe pedira para me ligar, mas só esta manhã. Ela contactou-me mesmo quando eu estava a sair de casa para o serviço. – Vianello voltou à pergunta de Brunetti: – Portanto não sei quem começou. Podem ter sido os operários ou podem ter sido alguns da «Antiglobalização».

Brunetti ficou surpreendido ao ouvir Vianello admitir isso como uma possibilidade. O inspector prosseguiu:

– O Marco é um sujeito pacífico, não iria desencadear nada. Eu sei isso, mas algumas das pessoas que vão para estas coisas, bem, creio que as usam como maneira de ter algum divertimento.

– É uma estranha escolha, a dessa palavra: divertimento.

Vianello ergueu a mão mas deixou-a cair no colo.

– Eu sei que é, mas é a maneira como algumas dessas pessoas olham para isso. O Marco falou-me delas, diz que não gosta delas nem gosta quando se juntam a uma manifestação, porque aumentam o risco de haver problemas.

– Ele sabe quem são os violentos? – perguntou Brunetti.

– Nunca me disse, só que o deixavam nervoso.

Brunetti decidiu trazer a conversa de volta ao propósito original:

– Mas o que querias pedir-me?

– Tu conheces as pessoas em Mestre. Melhor do que eu. E os magistrados, embora eu não saiba a quem este caso foi entregue. Por isso queria saber se podias telefonar e ver o que conseguias averiguar.

– Continuo a não entender por que não és tu a fazê-lo – disse Brunetti, fazendo com que isto parecesse o que era, um pedido de informações, e não o que não era, uma sugestão de que Vianello tomasse ele próprio conta do caso.

– Acho que seria melhor se o inquérito viesse da parte de um comissário.

Brunetti pensou nisso por instantes e depois disse:

– Sim, talvez. Sabes qual é a acusação? – perguntou.

– Não. Provavelmente causar perturbação ou resistir a um agente público no cumprimento do seu dever. A mulher do Marco não me contou. Disse-lhe para não fazer nada até eu ter tempo para falar contigo. Imaginei que tu... ou nós, podíamos fazer alguma coisa... bem, informalmente. Isso poderia poupar-lhe uma data de sarilhos.

– Ela contou-te alguma coisa acerca do que aconteceu?

– Apenas o que o Marco lhe contou: que ele só estava lá com um letreiro, com outras pessoas do seu grupo: cerca de uma dúzia deles. De repente, três ou quatro homens que eles não conheciam começaram a gritar aos operários e a cuspir-lhes em cima, e depois alguém atirou uma pedra.

Antes que Brunetti pudesse perguntar, Vianello disse:

– Não, ele não sabia quem o fez; disse que não tinha visto nada. Foi outro que lhe falou da pedra. E depois a polícia apareceu e ele foi atirado ao chão e metido num camião e levado para Mestre.

Nada disto surpreendeu Brunetti de alguma maneira. A não ser que alguém tivesse estado lá com uma câmara de vídeo, nunca saberiam quem tinha dado o primeiro soco ou lançado a primeira pedra, portanto, na realidade, só poderiam conjecturar sobre quais seriam as acusações e contra quem seriam feitas.

Após uma curta pausa, Brunetti disse:

– Tens razão, mas seria melhor fazermos isto pessoalmente. – Se não fosse por outra razão, Brunetti deu por si a pensar, seria uma boa desculpa para sair do seu gabinete. – Estás pronto para partir?

– Sim – disse Vianello, pondo-se de pé.

Enquanto saíam da Questura, Brunetti viu uma das lanchas a aproximar-se. O novo piloto, Foa, estava ao volante e fez um sorriso a Brunetti e um aceno a Vianello enquanto encostava ao cais.

– Para onde vai? – perguntou Foa, e depois acrescentou «senhor», para tornar claro a quem se dirigia.

– Piazzale Roma – disse Brunetti. Telefonara para a esquadra de lá e pedira que um automóvel estivesse pronto para os levar. Porque não tinha visto nenhuma lancha da sua janela, presumira que ele e Vianello teriam de apanhar o *vaporetto*.

Foa deu uma olhadela ao relógio.

– Não tenho de estar em lado nenhum até às onze, senhor, portanto podia levá-lo lá e voltar. – Depois, para Vianello: – Anda lá, Lorenzo, o tempo hoje está perfeito.

Não precisavam de mais para os atrair para o convés, onde permaneceram enquanto Foa os levava pelo Grande Canal acima. No Rialto, Brunetti virou-se para Vianello e disse-lhe:

– É o primeiro dia de Primavera e estamos os dois a fazer gazeta outra vez.

Vianello riu-se, não tanto do que Brunetti dissera, mas do dia perfeito, da inclinação certa da luz na água diante deles, e da alegria de fazer gazeta no primeiro dia de Primavera.

Enquanto o barco se enfiava numa das filas de táxis na Piazzale Roma, os dois agradeceram ao piloto e subiram para o cais. Do outro

lado do edifício dos ACTV um carro da polícia aguardava-os, com o motor ligado, e assim que eles entraram arrancou, enfiando-se no trânsito que atravessava a passagem para o continente.

Na sede em Mestre, Brunetti soube logo que o caso dos manifestantes detidos tinha sido entregue a Giuseppe Zedda, um *commissario* com quem trabalhara alguns anos antes. Siciliano e quase uma cabeça mais baixo do que Brunetti, Zedda impressionara-o então pela sua rigorosa honestidade. Não se tinham tornado amigos, mas como colegas haviam partilhado um respeito mútuo. Brunetti confiava que Zedda tratasse de que as coisas fossem feitas de forma imparcial e bem e de que nenhuma das pessoas detidas fosse convencida a prestar declarações das quais mais tarde pudesse retractar-se.

– Podemos falar com um deles? – perguntou Brunetti, depois de ele e Vianello terem recusado a oferta de Zedda para tomar um café no seu gabinete.

– Qual deles? – perguntou Zedda, e Brunetti percebeu que não sabia mais nada acerca do homem detido do que o seu nome próprio, Marco, e de que era um amigo de Vianello.

– Ribetti – completou Vianello.

– Venham comigo – disse Zedda. – Vou meter-vos numa das salas de interrogatórios e trazê-lo para falarem com ele.

A sala era igual a todas as salas de interrogatórios que Brunetti conhecia: o chão podia ter sido lavado nessa manhã, podia ter sido lavado há dez minutos, mas a gravilha era triturada debaixo dos pés e dois copos de plástico de café jaziam no chão ao lado do cesto dos papéis. Cheirava a fumo e a roupas sujas e a derrota. Ao entrar na sala, Brunetti desejou confessar alguma coisa, qualquer coisa, se isso pudesse fazê-lo sair dali depressa.

Cerca de dez minutos depois Zedda regressou, trazendo consigo um homem mais alto do que ele, embora pelo menos dez quilos mais leve. Brunetti reparava muitas vezes que as pessoas que eram presas ou detidas pela polícia de um dia para o outro acabavam depressa por se encolher dentro das suas roupas: era esse o caso agora. A parte de baixo das calças do homem tocava no chão e a sua camisa estava

apertada e extravasava do seu casaco abotoado. Parecia que não tinha conseguido barbear-se nessa manhã, e o seu cabelo, espesso e escuro, estava espetado num dos lados. As suas orelhas destacavam-se do crânio e davam-lhe um ar desajeitado, que condizia com as roupas demasiado grandes. Olhou inexpressivo para Brunetti, mas ao ver Vianello sorriu de alívio e de contentamento, e quando a sua cara se suavizou Brunetti viu que era mais novo do que parecera à primeira vista, talvez tivesse trinta e cinco anos.

– A Assunta falou contigo? – perguntou o homem, abraçando Vianello e dando-lhe palmadas nas costas.

O inspector pareceu surpreendido com esse cumprimento caloroso mas retribuiu o abraço de Ribetti e disse:

– Sim, telefonou-me antes de eu sair para o serviço e perguntou se havia alguma coisa que eu pudesse fazer. – Deu um passo atrás e virou-se para Brunetti. – Este é o meu comandante, o *Commissario* Brunetti. Ofereceu-se para vir comigo.

Ribetti estendeu a mão e apertou a de Brunetti.

– Obrigado por ter vindo, *commissario*. – Olhou para Vianello, para Brunetti e depois de novo para Vianello. – Eu não queria... – Deixou a frase inacabada. – Isto é, não queria causar-te tanto incómodo, Lorenzo. – E para Brunetti: – Ou a si, *commissario*.

Vianello encaminhou-se até à mesa, dizendo:

– Não é incómodo nenhum, Marco. É o que fazemos o tempo todo de qualquer maneira: falar com pessoas. – Afastou duas das cadeiras num dos lados da mesa e depois a que estava na cabeceira, que agarrou para Ribetti.

Quando todos se sentaram, Vianello virou-se para Brunetti, como se delegasse nele.

– Conte-nos o que se passou – disse Brunetti.

– Tudo? – perguntou Ribetti.

– Tudo – respondeu Brunetti.

– Estávamos lá há três dias – começou Ribetti, olhando para eles para ver se tinham conhecimento da manifestação. Quando ambos confirmaram com um aceno de cabeça, ele disse: – Ontem

estávamos lá uns dez de nós. Com letreiros. Tínhamos tentado vencer os operários de que o que estão a fazer é mau para todos nós.

Brunetti tinha poucas ilusões acerca de os operários estarem dispostos a desistir do seu trabalho quando lhes diziam que o que estavam a fazer era prejudicial para inúmeras pessoas que não conheciam, mas assentiu de novo.

Ribetti entrelaçou as mãos sobre a mesa e olhou para os seus dedos.

– A que horas chegaram lá? – perguntou Brunetti.

– Foi à tarde, cerca das três e meia – respondeu ele, olhando para Brunetti. – A maior parte de nós, no comité, tem empregos, portanto só podemos sair depois do almoço. Os operários regressaram às quatro, e nós queríamos que eles nos vissem, talvez até que nos ouvissem ou falassem connosco, quando entrassem. – Um ar de grande perplexidade apareceu no seu rosto, fazendo Brunetti lembrar-se do seu filho, enquanto Ribetti dizia: – Se pudermos fazê-los compreender o que a fábrica está a fazer, não apenas a eles, mas a todos, então talvez...

Mais uma vez Brunetti guardou os seus pensamentos para si mesmo. Foi Vianello que rompeu o silêncio perguntando:

– Serviu para alguma coisa falarem com eles?

Ribetti respondeu com um sorriso.

– Quem sabe? Se estiverem sozinhos, às vezes ouvem. No entanto, se forem dois ou mais, limitam-se a passar por nós, ou às vezes dizem coisas.

– Que tipo de coisas?

Ele olhou para os dois polícias, depois para as suas mãos.

– Oh, dizem-nos que não estão interessados, que têm de trabalhar, têm famílias – respondeu Ribetti; depois acrescentou: – Ou tornam-se insultuosos.

– Mas sem violência? – perguntou Vianello.

Ribetti olhou para ele e abanou a cabeça.

– Não, nada disso. Fomos todos treinados para não reagir, para não discutir com eles, para nunca fazer nada que pudesse provocá-los.

– Continuou a olhar para Vianello, como se para o convencer da verdade disso pela sinceridade da sua expressão. – Estávamos lá para os ajudar – disse ele, e Brunetti acreditou que estava a falar a sério.

– Mas desta vez? – perguntou Brunetti.

Ribetti abanou várias vezes a cabeça.

– Não faço ideia do que aconteceu. Algumas pessoas vieram ter connosco, não sei de onde vieram ou se estavam connosco ou eram operários, começaram a gritar, e depois os operários também desataram aos gritos. Então alguém me empurrou e eu deixei cair o letreiro que transportava, e depois de o apanhar parecia que toda a gente tinha ficado doida de repente. Estavam aos encontrões e aos empurrões uns aos outros, depois ouvi as sirenes da polícia, e voltei a cair no chão. Dois homens puseram-me de pé e enfiaram-me na parte de trás de uma carrinha e trouxeram-me para aqui. Só quase à meia-noite apareceu uma mulher fardada na cela e disse que eu podia telefonar a alguém.

Resumiu a correr o que se passara, a sua voz parecendo tão confusa como os acontecimentos que descrevia.

Virou-se para um lado e para outro, entre Brunetti e Vianello, depois dirigiu-se a este:

– Liguei à Assunta e disse-lhe onde estava, o que acontecera, e então lembrei-me de ti. E pedi-lhe para ver se conseguia descobrir-te e contar-te o que acontecera. – A sua voz mudou quando perguntou: – Ela não te telefonou nessa altura, pois não? – insistiu, esquecendo o que Vianello já tinha contado.

Vianello sorriu.

– Não, só esta manhã. – Brunetti reparou que Ribetti pareceu aliviado ao ouvir isso.

– Mas não tinham de vir até cá por minha causa – disse Ribetti, usando o plural. – Na verdade, Lorenzo, não sei em que estava a pensar quando lhe pedi para te telefonar. Suponho que entrei em pânico. Pensei que podias fazer um telefonema a alguém aqui ou algo assim, e tudo ficaria resolvido. – Ergueu uma mão na direcção de Vianello e acrescentou: – Na verdade, nunca me ocorreu que

tivesses de vir até aqui. – Depois para Brunetti: – Ou que o senhor tivesse de vir, *commissario*. – Olhou outra vez para as mãos. – Não sabia o que fazer.

– Foi detido alguma vez antes disto, Signor Ribetti? – perguntou Brunetti.

Ribetti olhou para ele com um espanto que não conseguia disfarçar: o mesmo que teria sentido se Brunetti o tivesse esbofetado.

– Claro que não – disse.

Vianello interrompeu para perguntar:

– Sabes se algum dos outros foi alguma vez detido?

– Não, nunca – disse Ribetti, a voz mais alta com a força da sua insistência. – Já te disse: fomos treinados para não causar sarilhos.

– Não será um manifestação como a vossa uma forma de sarilho? – perguntou Brunetti.

Ribetti fez uma pausa, como se estivesse a repetir a pergunta na sua cabeça à procura do sarcasmo. Não encontrando nada disso, declarou:

– Claro que é. Mas não é violento e tudo o que estávamos a tentar era fazer com que os operários entendessem como é perigoso o que eles fazem. Não apenas para nós, mas ainda mais para eles.

Brunetti reparou que Vianello concordava com isso, por isso perguntou:

– Que perigos, Signor Ribetti?

Ribetti olhou para Brunetti como se este tivesse perguntado quantos eram dois mais dois, mas apagou a expressão e explicou:

– Os dissolventes e os químicos com que eles trabalham, mais do que tudo. Pelo menos na fábrica de tintas. Derramam-nas e salpicam-nas sobre eles e respiram-nas o dia inteiro. E isto para não falar sequer nos resíduos de que têm de se livrar. Algures.

Brunetti, que tinha ouvido esse tipo de coisas da parte de Vianello durante algum tempo, evitou o olhar de relance do inspector. Perguntou:

– E acha que as vossas manifestações vão alterar as coisas, Signor Ribetti?

Ribetti levantou as suas mãos abertas:

– Só Deus sabe. Mas pelo menos é alguma coisa, um pequeno protesto. E talvez outras pessoas vejam que é possível protestar. Se não o fizermos – disse ele, a sua voz triste e cheia de convicção –, eles irão matar-nos a todos.

Porque tivera este tipo de conversa com Vianello muitas vezes, Brunetti não teve de perguntar a Ribetti quem eram «eles». Brunetti compreendeu quanto ele próprio acabara por acreditar, quanto se tinha convertido, nos últimos anos, e não apenas devido à consciência ecológica de Vianello. Reparava cada vez mais em artigos acerca do aquecimento global, acerca da ecomáfia e do seu desenfreado despejo de lixo tóxico por todo o Sul: tinha até acabado por acreditar que havia uma ligação entre o assassinio de um jornalista da RAI na Somália, alguns anos antes, e o despejo de lixo tóxico nesse pobre país atormentado. O que o surpreendia era que houvesse pessoas que ainda acreditavam que protestar contra coisas dessas, à sua pequena maneira, iria fazer alguma diferença. E, teve de reconhecer para si próprio, não gostava de admitir que isso o surpreendesse.

– Mas voltando a questões mais práticas – disse Brunetti brusco. – Se nunca teve antes qualquer sarilho com a polícia, então pode ser possível nós fazermos alguma coisa. – Olhou para Vianello. – Se ficares aqui, eu vou falar com o Zedda e dar uma vista de olhos ao relatório. Se ninguém ficou ferido e se nenhuma acusação tiverem sido feitas, então não vejo nenhum motivo para que o Signor Ribetti tenha de ficar detido.

Ribetti lançou-lhe um olhar que era uma mistura de receio e de alívio.

– Obrigado, *commissario* – disse ele, e depois acrescentou com rapidez: – Ainda que não possa fazer nada ou se nada acontecer, mesmo assim agradeço-lhe.

Brunetti levantou-se. Foi até à porta e ficou contente por ver que não estava trancada. Lá fora, no corredor, perguntou por Zedda, que encontrou no gabinete dele, um gabinete que era apenas um quarto

do tamanho do seu, com uma janela que tinha vista para um parque de estacionamento.

Antes mesmo que Brunetti pudesse perguntar, Zedda disse:

– Leve-o para casa, Brunetti. Isto não vai dar em nada. Ninguém ficou magoado, ninguém fez uma denúncia, e com certeza que não queremos nenhum problema com eles. São uns chatos, mas são inofensivos. Portanto pegue no seu amigo e leve-o para casa.

Um Brunetti mais novo podia ter achado necessário esclarecer que Ribetti era amigo de Vianello e não dele, mas, depois de tantos anos a trabalhar com o inspector, Brunetti já não conseguia fazer essa distinção, por isso agradeceu a Zedda e perguntou se havia alguns formulários a serem assinados. Zedda fez-lhe sinal para se ir embora, dizendo que tinha sido bom voltar a ver Brunetti e deu a volta à secretária para lhe apertar a mão.

Brunetti regressou à sala de interrogatórios, contou a Ribetti que estava livre para se ir embora e podia vir com eles se quisesse, e depois levou os dois para o carro da polícia que os esperava.